

H I S T Ó R I A

& U T O P I A S



ORGANIZAÇÃO
Ilana Blaj
John M. Monteiro

A N P U H

Associação Nacional de História

HISTÓRIA & UTOPIAS

*Textos apresentados no XVII Simpósio
Nacional de História*

Organização
John Manuel Monteiro
Ilana Blaj

A N P U H

Associação Nacional de História

1996

A questão do livro didático

Edileuza Moura da Silva
Secretaria da Educação de Pernambuco

A necessidade de repensar a questão da qualidade do livro didático, elemento indispensável à sistematização de informação nas diversas áreas do conhecimento e, através do qual o aluno, muito frequentemente, tem nele a única fonte de acesso ao conhecimento sistematizado, bem como ao registro da luta desenvolvida através dos tempos pelos homens para a construção de uma sociedade mais igualitária e fraterna, põe em discussão a produção do conhecimento histórico no livro didático.

O livro didático não pode ser discutido de forma autônoma, ele não existe sozinho. É produzido por editores, elaborado por autores, utilizado por professores e alunos. Existindo, portanto, numa relação concreta no contexto de contradições e conflitos da sociedade que o produziu.¹

Diante do exposto, não é à toa que a “indústria cultural e o sistema educacional brasileiro exclui dos seus objetivos a produção de um livro didático de História de qualidade.”²

É compreensível, pois que os livros didáticos de uma maneira geral apresentem uma História “pronta e acabada” que os seus textos se apresentem de forma linear, onde prevalece a existência pacífica. Esses livros didáticos são meros resumos de divulgação da História.

Considerando que no momento atual os livros didáticos de História têm se voltado para a tarefa de moldar uma compreensão crítica da mesma, é importante ressaltar que não é apenas uma representação do fato histórico, a

1 Anais do Seminário Livro Didático, “A Discriminação em Questão”, Programa “Do Sertão ao Cais”.

2 Luís Manoel Domingues, “A Produção do Conhecimento no Livro Didático: A Exclusão da Experiência da Utopia”, neste volume.

única maneira de abordar um tema no curso de História. Afinal, o caminho para uma prática democrática, cria condições para que, na sala de aula, alunos e professores possam também, participar do processo de produção do conhecimento histórico.

O professor de História que concebe o livro didático como “uma autoridade portadora de um critério absoluto de verdade e de um padrão de excelência a ser adotada na sala de aula”³, deve repensar a sua prática pedagógica. Relegar ao educando qualquer representação do fato histórico, seja esta representação permeada desta ou daquela ideologia, compromete danosamente a participação do aluno no processo de produção do conhecimento histórico.

Assim afirmando, temos que pensar no homem enquanto ser histórico, reflexivo, produtor e ator de sua própria História.

É pois, no confronto com as diversas representações, que os sujeitos da História vão conceber o processo histórico enquanto movimento e constante transformação, que se constrói nas diversas e múltiplas contradições existentes na sociedade, e assim se revela contínuo, dinâmico.

Desse modo, a História se fabrica com os homens que ao produzirem suas condições de existência criam uma realidade concreta, situada num tempo e num espaço específico. Explicar a História consiste então em demonstrar que os homens se relacionam e se organizam coletivamente em realidades históricas determinadas. “É o estudo do trabalho realizado, socialmente necessário e historicamente compreendido que permite, portanto, conhecer a base sobre a qual se assentam as relações sociais, políticas e ideológicas de uma dada sociedade”⁴. Conseqüentemente, a finalidade da História é de estudar, analisar as práticas sucessivas levadas a efeito por esses próprios homens. Produzir história é tentar resgatar essas relações.

A escola enquanto instituição é o lugar onde encontramos o momento para trabalhar a circulação de idéias, de pensamentos, de organizar e sistematizar durante as várias etapas do processo de ensino, a produção de um novo saber histórico que possibilite a compreensão ativa da realidade e de “pensar a produção de um conhecimento histórico didático com nível cultural e intelectual elevado, como um instrumento de aprendizagem e de resgate da memória, viabilizando os sonhos, os projetos e as esperanças”.⁵

Se considerarmos que é lugar-comum insistir na necessidade de competência do profissional, qualquer que seja a área de atuação, podemos

3 Domingues, *op. cit.*

4 Documento da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, fevereiro, 1987.

5 Domingues, *op. cit.*

afirmar, então, que o livro didático não entra sozinho na sala de aula. Ele entra acompanhado, porém deve entrar muito bem acompanhado.

Para tanto, o professor precisa refletir mais sobre as concepções historiográficas. Como as diferentes sociedades e os historiadores, em diferentes épocas e lugares, registram, pesquisam e interpretam o passado.

E, “do ponto de vista metodológico essas produções do conhecimento didático carregam consigo alguns procedimentos de leitura da História que nos auxiliará a desvendar as implicações de sua natureza teórico-metodológica”.⁶ Ter como referência a historiografia não significa trabalhar com esta ou aquela corrente historiográfica.

Assumindo que o educador tem a responsabilidade de auxiliar o educando no desenvolvimento de sua inteligência e, de garantir o reconhecimento de que as experiências dos alunos são práticas coletivas e sociais que devem ser incorporadas a todos os momentos em que se trabalha o processo de compreensão e construção do conhecimento histórico, o professor pode criar novas alternativas de ensino e contribuir para “repensar a produção do conhecimento histórico-didático como um dos instrumentos que projeta a experiência e a utopia dos homens no curso de suas histórias”.⁷

Assim, ter a preocupação na produção do conhecimento histórico didático de desenvolver o pensamento crítico, de estimular o educando a criar suas próprias teorias para interpretar a vida coletiva no passado, orientá-los na busca de diferentes fontes de informações, pode encorajar os alunos para novas e diferentes conclusões, ou melhor, “desmentir, enfaticamente, o passado como um cadáver da História”.⁸

*O professor então, deve assumir a postura de um orientador, de um informante e de um pesquisador. É ele — como um mestre artesão — construtor da ponte que possibilita a socialização de conhecimentos entre as antigas e as novas gerações. É ele que conhece os objetivos, que tem as informações básicas sobre os instrumentos e as técnicas, que conhece as possibilidades de aprendizagem dos alunos e a importância do desenvolvimento de sua autonomia. Ele intervém para auxiliar e aprender, mas não para impor idéias.*⁹

6 Domingues, *op. cit.*

7 Domingues, *op. cit.*

8 Domingues, *op. cit.*

9 Antonia Terra, “Para Onde Caminha o Ensino da História”, *Tecnologia Educacional*, vol. 21, setembro 1992.

Obviamente, para trabalhar estas questões, é necessário que cada educador, antes de tudo, defina qual o seu papel, qual a sua missão enquanto trabalhador, e, se questione sistematicamente como deve ser o seu trabalho nesta sociedade (de desiguais) para contribuir, com o desenvolvimento dos conhecimentos e das reflexões dos alunos sobre a necessidade e importância do conhecimento histórico para o entendimento de sua vida e das transformações históricas geradas na sociedade.

Como você, professor, trabalharia um livro cujo conteúdo sobre as instituições e costumes da Grécia Antiga — traz apenas a seguinte citação sobre a existência de Homero:

Para os antigos a *Ilíada* e a *Odisséia*, poemas que têm por assunto respectivamente um dos episódios da guerra de Tróia e as aventuras de Ulisses, rei de Ítaca, foram compostos por um poeta cego, Homero. A *Ilíada* era um trabalho literário da mocidade do poeta; a *Odisséia*, de sua idade madura.

Será esta informação uma verdade definitiva? Ou o texto histórico é uma obra inacabada?

É preciso pois superar o conformismo, interferir, problematizar, permitir que a pluralidade de ações norteie o fazer pedagógico, porque, “O sonho que, se sonha só é apenas um sonho só, mas se todos sonharem juntos, esse sonho se torna realidade” (D. Hélder Câmara).